

Estratégias de Observação do Comportamento em Psicologia do Desenvolvimento

Maria Auxiliadora Campos Dessen¹

Lilian Maria Borges²

Nos últimos anos, têm-se observado um crescente interesse pela utilização das estratégias observacionais, a despeito do dispêndio de tempo e de recursos humanos qualificados para o emprego apropriado de tais técnicas. Este interesse está direcionado não somente para a coleta de dados em pesquisa, mas também para a avaliação psicológica, a construção e o uso de instrumentos específicos de medida do comportamento.

Dada a importância de se selecionar a metodologia e as técnicas adequadas para a coleta de dados, tanto na pesquisa quanto em outras atividades profissionais, propusemo-nos descrever sucintamente, numa perspectiva histórica, os métodos de observação narrativo, de amostragem e de classificação. Algumas das principais técnicas/estratégias de registro, usadas principalmente na psicologia do desenvolvimento, são descritas, tais como "Descrições Diárias", "Registro Contínuo", "Amostragem de Tempo" e "Amostragem de Evento". Questões relativas à definição operacional de comportamentos e à elaboração de sistemas observacionais são também abordadas.

A observação do comportamento é freqüentemente utilizada pela Psicologia, na tentativa de melhor compreender o seu objeto de estudo, sendo amplamente empregada em pesquisas desenvolvidas sob o enfoque de diferentes abordagens teóricas, tais como etologia, análise aplicada do comportamento e ecologia. A importância atribuída às estratégias observacionais vincula-se, sobretudo, ao fato de estas possibilitarem ao pesquisador gerar novas hipóteses e/ou questões a serem investigadas; responder questões específicas previamente formuladas; avaliar o repertório comportamental do sujeito e os resultados de intervenções; e obter um quadro mais realístico dos comportamentos estudados do que aquele fornecido por outros métodos de coleta de dados, tal como o auto-relato (Irwin e Bushnell, 1980).

Desde o seu surgimento, a Metodologia Observacional tem contribuído significativamente para o desenvolvimento da Psicologia, propiciando informa-

¹ Professora Doutora do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UnB.

² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UnB

ções valiosas sobre os comportamentos humano e animal e servindo como um importante instrumento de trabalho para profissionais da área que atuam em diferentes contextos: escolar, clínico, organizacional, hospitalar, entre outros. A História da Psicologia tem mostrado que muitos dos conhecimentos adquiridos até agora são, ao menos parcialmente, provenientes do emprego de técnicas de observação do comportamento. As descobertas de Jean Piaget sobre o desenvolvimento cognitivo constituem um exemplo deste fato.

A análise histórica das técnicas de observação do comportamento, efetuada por Irwin e Bushnell (1980), mostra que estas se desenvolveram concomitantemente com o estudo do comportamento da criança que, por sua vez, tornou-se alvo de esforços mais sistemáticos de pesquisa somente a partir da segunda metade do século XIX, sob a influência de figuras notáveis como Charles Darwin, G. Stanley Hall e Lawrence K. Frank. O surgimento da Psicologia da Criança enquanto disciplina científica ocorreu de forma estreitamente vinculada à técnica do "Diário", que começou a ser usada em 1774, consistindo no registro de informações efetuado por pais, acerca das mudanças desenvolvimentais observadas nos primeiros anos de vida de suas crianças. Entretanto, o emprego desta técnica só se tornou amplamente difundido no século seguinte, devido, em parte, à grande taxa de mortalidade infantil verificada até então, o que dificultava acompanhar o desenvolvimento das crianças que, muitas vezes, não chegavam a completar um ano de idade.

Nesta ocasião, a atenção dos estudiosos do desenvolvimento infantil estava voltada predominantemente para tópicos relacionados ao que eles julgavam ter as crianças necessidade de conhecer e ao modo como elas deviam se comportar. Mas, a partir das últimas décadas do século XIX, houve uma mudança nos interesses da Psicologia da Criança, que passou, então, a focalizar os conhecimentos e comportamentos próprios das crianças e a buscar uma maior objetividade na coleta de seus dados (Irwin e Bushnell, 1980).

Ao longo dos anos que se seguiram, um número relevante de estratégias observacionais foram desenvolvidas e aperfeiçoadas, procurando atender "as necessidades dos pesquisadores e professores em uma variedade de situações" (Irwin e Bushnell, 1980, p. 62). Dentre tais estratégias, destacaram-se o "Registro Cursivo", a "Amostragem de Evento" e a "Amostragem de Tempo", cujos trabalhos iniciais datam das duas primeiras décadas do século XX. Nessa época, grande parte dos estudos sobre o comportamento da criança era realizado em ambiente escolar, sendo os professores constantemente treinados no emprego de técnicas, visando a observação dos seus alunos em sala de aula.

Embora o desenvolvimento infantil continue constituindo uma das áreas da Psicologia em que se verifica um maior emprego de técnicas observacionais, a utilização destas não se limitou ao estudo das crianças, tendo se expandido para outras áreas como a do comportamento animal (Hutt e Hutt, 1974). Se-

segundo Batista (1996), o uso de estratégias observacionais no Brasil despontou apenas na década de 70, quando foram implementados os primeiros cursos de Pós-Graduação em Psicologia no país. Os estudos iniciais que empregavam a Metodologia Observacional foram realizados sob a influência predominante da Etologia e da Análise do Comportamento, sendo grande a porcentagem de trabalhos concernentes ao comportamento de outras espécies animais.

A partir da década de 80, observou-se um aumento crescente no uso das técnicas de observação no Brasil, sobretudo nas pesquisas relativas ao comportamento humano, sendo o "Registro Contínuo" a estratégia mais empregada. Além disso, os estudos observacionais passaram a ser norteados também por outras abordagens teóricas, tais como as perspectivas sócio-interacionista-constructivista e ecológica, e o contexto de interações sociais envolvendo crianças tornou-se o foco de uma significativa parcela destes estudos (Batista, 1996).

A literatura sobre a Metodologia Observacional, contudo, ainda é escassa, principalmente em língua portuguesa, o que evidencia a necessidade de implementação de trabalhos que contribuam para a sistematização e divulgação dos conhecimentos referentes às técnicas de observação direta e sistemática do comportamento, de modo a facilitar o seu emprego no âmbito da pesquisa e da intervenção psicológica. O pesquisador interessado em fazer uso de técnicas desta natureza precisa conhecer as características gerais e as vantagens e desvantagens de cada técnica para poder avaliar se a Metodologia Observacional é, de fato, útil para responder as questões levantadas em seu estudo e, também, para verificar qual das estratégias de observação melhor atende aos objetivos de sua pesquisa. Adotar uma postura crítica frente à utilização das técnicas observacionais e avaliar a sua adequação aos objetivos da pesquisa garantem, em parte, a qualidade dos resultados obtidos.

Os Métodos de Observação e suas Principais Estratégias

As estratégias observacionais, segundo Irwin e Bushnell (1980), podem ser classificadas de acordo com seus objetivos ou funções, em três métodos principais: narrativo, amostragem e classificação. Contudo, Fassnacht (1982) agrupa as estratégias correspondentes a estes dois últimos métodos, tais como "Amostragem de Tempo", "Amostragem de Evento" e "Escala", em um único método denominado por ele de quantificação. Neste trabalho, adotou-se a classificação sugerida pelas primeiras autoras.

Método Narrativo

O método narrativo descreve os eventos comportamentais tal como eles ocorrem, preservando as suas seqüências temporais e propiciando informações numerosas e detalhadas sobre os comportamentos em estudo. Dessa forma, o pesquisador primeiro registra os eventos observados e só após seleciona, classi-

fica e analisa os comportamentos, o que demanda bastante tempo. Tais métodos abarcam as "Descrições Diárias" (Diários), os "Registros Anekdoticos" ou de "Incidentes Críticos" e os "Registros Cursivos" (Irwin e Bushnell, 1980).

As "Descrições Diárias", também conhecidas como biografias de bebês, precederam as demais estratégias observacionais, sendo consideradas como a técnica de maior relevância no estudo da criança, no período de 1890 a 1920. Nessa época, os "Diários" constituíam uma prática largamente empregada por profissionais e pesquisadores interessados em estudar o desenvolvimento de seus filhos ou sobrinhos (Irwin e Bushnell, 1980; Wallace, Franklin e Keegan, 1994).

Wallace e cols. (1994) empreenderam uma revisão de "Diários" escritos na Europa Ocidental e nos EUA, nos séculos XVIII e XIX, classificando-os, conforme suas finalidades e conteúdos, em três categorias: domésticos, educacionais e científicos. Segundo tais autores, estes três tipos de "Diários" referem-se, respectivamente, a relatos pessoais dos pais sobre as atividades diárias de seus filhos, a registros do comportamento da criança, efetuados para verificar o impacto de métodos e práticas educacionais sobre o seu desenvolvimento, e a registros realizados com o propósito de contribuir para o conhecimento científico. Neste último caso, "Diários Científicos", os eventos comportamentais registrados eram posteriormente classificados e analisados, sendo, em decorrência disto, atribuído valor científico aos mesmos.

Independente de sua classificação, os "Diários" caracterizavam-se por serem registros longitudinais, que envolviam observações repetidas da mesma criança, propiciando, assim, um panorama relativo ao curso do desenvolvimento infantil (Irwin e Bushnell, 1980; Wallace e cols., 1994). Mais especificamente, os "Diários" consistiam em registros do crescimento e das novas formas de comportamento adquiridas por uma criança nos seus primeiros anos de vida, sendo focalizado o desenvolvimento geral ou áreas específicas do desenvolvimento, tal como a linguagem. Os registros eram efetuados em intervalos mais ou menos regulares, durante um período de tempo longo, usualmente um ano ou mais, exigindo contato freqüente e prolongado do observador com o sujeito. Em vista disso, os "Diários" eram realizados freqüentemente pelos pais ou por parentes próximos da criança (Fassnacht, 1982; Irwin e Bushnell, 1980; Wallace e cols., 1994).

Portanto, mesmo quando objetivos científicos motivavam o emprego desta técnica, seus princípios norteadores diferiam muito dos princípios da ciência deste século. Para a ciência psicológica contemporânea, que foi grandemente influenciada pelo paradigma das ciências físicas e pelo pensamento positivista, a observação de uma pessoa com quem se tem vínculo afetivo pode estar muito mais sujeita a processos subjetivos. Fassnacht (1982) comenta que é provável ocorrerem mudanças na relação entre observador e observado e também escolhas não sistemáticas do que é registrado, pelo simples fato de os "Diários" se-

rem escritos por parentes dos sujeitos.

Embora seja indiscutível a contribuição da técnica do "Diário" para o avanço do conhecimento relativo ao desenvolvimento da criança, esta estratégia observacional apresenta algumas limitações referentes: (a) ao fator emocional resultante do vínculo parental/afetivo entre o observador e a criança, o que tende a comprometer a objetividade dos dados observacionais; (b) à generalização das descobertas obtidas, considerando que são efetuadas observações, em geral, de uma única criança ou de irmãos; e (c) ao tempo e recursos dispendiosos, necessários para a sua realização (Deutsch, 1994; Irwin e Bushnell, 1980).

Assim, com o surgimento do estudo experimental da criança, por volta da década de 20, os "Diários" perderam gradualmente a relevância de que eram dotados até então e, como resultado, os pais deixaram de ser os principais observadores do comportamento infantil. O emprego de estratégias observacionais junto às crianças tornou-se, assim, uma tarefa desempenhada por pesquisadores vinculados a instituições científicas (Irwin e Bushnell, 1980; White, 1994). Dessa forma, os "Diários" passaram a ser cada vez menos empregados em atividades de pesquisa, sendo vistos como um capítulo superado na história do estudo da criança e com pouca ou nenhuma utilidade no âmbito da Psicologia contemporânea (Deutsch, 1994; Irwin e Bushnell, 1980). Entretanto, nos dias atuais, tem-se verificado um renovado interesse por esta técnica devido, em parte, à ênfase emergente em Psicologia do Desenvolvimento, no que tange à descrição detalhada dos contextos no quais os comportamentos em estudo ocorrem.

Os "Registros Anedóticos" ou Registros de "Incidentes Críticos" caracterizam-se principalmente pela observação e posterior registro de eventos relativamente breves, que são considerados relevantes ou interessantes pelo observador (Irwin e Bushnell, 1980). Assim, por exemplo, ao observar a cooperação entre dois alunos em sala de aula, a professora poderá, logo após o término da aula, descrever o evento, destacando os pontos mais importantes para a compreensão do mesmo, incluindo respostas motoras e verbais emitidas por eles. Nesse sentido, preserva-se a essência do acontecimento, embora sem a riqueza de detalhes proporcionada por outras técnicas narrativas.

Esta estratégia pode focalizar um aspecto particular do comportamento da criança como imitação e agressividade, ou não ter um foco específico, consistindo no registro de qualquer evento comportamental que desperte a atenção do observador (Irwin e Bushnell, 1980). Todavia, Fassnacht (1982) ressalta que um incidente somente pode ser considerado crítico quando visto em relação aos objetivos da investigação.

Os "Registros Anedóticos" são propensos a conter interpretações por parte do observador porque eles freqüentemente são efetuados após a ocorrência dos eventos comportamentais. Para atenuar este fato, alguns procedimentos são

sugeridos por Irwin e Bushnell (1980): (a) registrar o(s) comportamento(s) selecionado(s), o mais breve possível, após a observação do evento; (b) identificar o ambiente, o período do dia e a atividade básica desenvolvida pela criança; (c) incluir também as respostas de outras pessoas presentes ao descrever as ações e verbalizações centrais dos sujeitos; (d) anotar, com a maior exatidão possível, as palavras empregadas nas conversações; (e) preservar a seqüência temporal dos acontecimentos; e (f) ser objetivo, preciso e completo.

Segundo Irwin e Bushnell (1980), este tipo de registro é muito utilizado por professores. Provavelmente, este fato decorre do uso relativamente simples desta técnica e da maior flexibilidade com relação ao momento do registro dos dados observacionais, considerando que o professor não necessita interromper imediatamente as suas atividades para efetuar o registro do evento observado.

Os "Registros Cursivos", por sua vez, são realizados no momento da observação, dentro de um período de tempo ininterrupto, e consistem em registrar detalhadamente o que ocorre numa determinada situação, de acordo com a seqüência temporal dos fatos, de forma que se possa visualizar os eventos observados como de fato ocorreram (Fassnacht, 1982; Irwin e Bushnell, 1980). Por serem contínuos no tempo, tais registros são também denominados de "Registros Contínuos". Os pesquisadores, em geral, usam estas duas denominações: "Registro Cursivo" ou "Registro Contínuo", embora alguns também façam uso dos termos "Registro Cursivo Contínuo" ou "Registro Contínuo Cursivo".

Dependendo dos propósitos do seu estudo, o observador poderá efetuar um amplo registro das ações ou registrar apenas algumas classes de comportamento previamente selecionadas (Danna e Matos, 1996/1982; Fagundes, 1993/1982). O primeiro tipo de registro é denominado de "Registro Cursivo/Contínuo Geral" e, o segundo, de "Registro Cursivo/Contínuo Específico" (Thereza P. L. Mettel, Comunicação Pessoal, abril de 1981).

Os registros realizados por meio desta técnica são relativos à localização, posição e postura do sujeito; a eventos comportamentais, tais como respostas motoras, expressões faciais e respostas vocais; e a eventos ambientais, tais como mudanças que ocorrem nos ambientes físico e social durante o período de observação. Dessa forma, os "Registros Cursivos" revelam-se úteis, sobretudo para um levantamento inicial do repertório comportamental do sujeito e para a descrição das circunstâncias ambientais nas quais os comportamentos ocorrem (Danna e Matos, 1996/1982). No entanto, os últimos anos têm-se caracterizado pelo uso crescente desta técnica, agora não mais com o objetivo de levantar o repertório comportamental inicial dos sujeitos, mas sim como uma técnica principal de coleta de dados, especialmente em projetos de pesquisa que têm como foco de análise a microgênese das interações sociais.

Segundo Danna e Matos (1996/1982), o grau de detalhamento fornecido

por um registro cursivo/contínuo vincula-se não apenas à variedade de comportamentos observados, mas também à velocidade com que os eventos ocorrem e ao treino do observador. O observador humano encontra limitações naturais para perceber e registrar todos os eventos que ocorrem na situação de observação, ainda que faça uso de abreviações e utilize os recursos de vídeo disponíveis. A tecnologia de vídeo permite apenas atenuar as dificuldades do observador humano, ao propiciar uma cópia exata da realidade, que pode ser revista quantas vezes se fizer necessário (Thiel, 1991). Na verdade, a profundidade de detalhes registrados está, sobretudo, relacionada ao objetivo do estudo em questão. Assim, se este for relativo ao estudo de uma área específica, como episódios de interações agressivas entre crianças, o registro certamente será efetuado com maior diversidade e profundidade de detalhes do que seria se todos os comportamentos emitidos pelo sujeito, em uma dada situação, tivessem que ser registrados.

Em síntese, os “Registros Cursivos” descrevem os comportamentos de modo detalhado, sem desvinculá-los de seu contexto; não requerem a seleção e definição prévias dos comportamentos alvo; preservam a seqüência dos fatos observados; e possibilitam a identificação de muitas classes de comportamento do sujeito, o que pode ser de grande valia para o observador, dependendo dos seus interesses (Batista, 1996; Irwin e Bushnell, 1980). Entretanto, os “Registros Cursivos” são dispendiosos em tempo, bem como em recursos humanos e financeiros. Para reunir os dados de forma manejável para análise, eles requerem um tempo relativamente longo e, dependendo da quantidade de informações coletadas, de várias pessoas para a transcrição e a classificação dos dados (Irwin e Bushnell, 1980).

Método de Amostragem

O método de amostragem é assim denominado porque visa obter uma amostra de aspectos selecionados e definidos dos comportamentos do sujeito, ao invés de tentar descrevê-los na íntegra e na seqüência em que ocorrem. Estes métodos incluem técnicas como: “Amostragem de Tempo”, “Amostragem de Evento” e “Checklists” (Listas para Assinalar) (Irwin e Bushnell, 1980).

A “Amostragem de Tempo” consiste no registro de comportamentos previamente estabelecidos e definidos de forma operacional, dentro de intervalos de tempo breves e uniformes. Tais comportamentos são considerados como uma amostra do comportamento usual do sujeito (Fassnacht, 1982; Hutt e Hutt, 1974; Irwin e Bushnell, 1980). O pesquisador pode utilizar os intervalos de duas maneiras: a) para observar e registrar os eventos ou b) para observar o evento em questão, reservando um tempo entre os mesmos para efetuar o registro do(s) comportamento(s) alvo observado(s) em cada intervalo. Este procedimento, de-

nominado de "espaçamento entre intervalos", mostra-se particularmente útil quando se trata da observação simultânea de vários comportamentos e/ou de vários sujeitos.

Fassnacht (1982) ressalta que pode haver problemas de registro, caso o momento apropriado para registrar o comportamento dentro dos intervalos de tempo não seja estabelecido antes do estudo ter início. Dependendo da relação entre a duração do comportamento e do intervalo de tempo selecionado, o comportamento pode ocorrer em diferentes posições dentro do intervalo: (a) pode estender-se continuamente, além do início e término do intervalo; (b) iniciar em um intervalo e estender-se além dele; (c) iniciar antes de um intervalo e terminar dentro dele; ou (d) comportamentos separados e idênticos podem iniciar e terminar dentro de um mesmo intervalo, por mais de uma vez. Para superar as limitações impostas por este problema, Fassnacht (1982) sugere que, de acordo com o grau de exatidão apropriado aos objetivos do estudo, o observador opte por registrar o comportamento uma única vez por intervalo, registrando apenas o primeiro comportamento que ocorrer dentro de cada intervalo ou registrando apenas o comportamento mais extenso dentro daquele intervalo, o que é especialmente adequado quando se observa comportamentos que são mutuamente exclusivos.

O resultado da "Amostragem de Tempo" é, também, parcialmente dependente da duração do intervalo, sendo que intervalos mais curtos garantem maior exatidão temporal. Porém, como estes exigem que o observador seja extremamente hábil, o intervalo ideal deve ser escolhido em função do compromisso entre a necessidade de exatidão requerida pelo estudo e a habilidade do observador. Intervalos de 5 e 10 segundos são os que melhor têm atendido a estes dois critérios e, em vista disso, são os mais comumente utilizados (Fassnacht, 1982).

Todavia, a escolha do intervalo de tempo apropriado depende também da freqüência e da duração com que o comportamento alvo ocorre. Quanto mais longo o comportamento, maior deverá ser o comprimento e o número de intervalos. Caso o pesquisador necessite observar mais de um comportamento ao mesmo tempo, é preciso que ele obtenha uma estimativa da média de duração e freqüência de tais comportamentos, para auxiliá-lo na escolha do intervalo de tempo mais adequado (Hutt e Hutt, 1974; Irwin e Bushnell, 1980). Portanto, faz-se necessário planejar cuidadosamente o comprimento do intervalo de tempo, o espaçamento entre os intervalos e o número de intervalos a serem utilizados, a fim de assegurar a representatividade dos dados coletados. Nesse sentido, Ormos, Rubiano e Rossetti-Ferreira (1993) afirmam que a tecnologia de vídeo, ao permitir a análise repetida dos mesmos eventos, mostra-se particularmente útil na seleção do intervalo de tempo ideal, tendo em vista que ela possibilita examinar a freqüência, duração, estabilidade e distribuição temporal dos com-

portamentos.

Em síntese, esta estratégia observacional possibilita registrar os comportamentos de acordo com a sua ocorrência (presença/ausência), frequência e/ou duração dentro de intervalos de tempo pré-selecionados. Embora tais medidas permitam ao pesquisador realizar comparações quantitativas entre padrões comportamentais (Fassnacht, 1982; Irwin e Bushnell, 1980; Mann, Ten Have, Plunkett e Meisels, 1991; Ormos e cols., 1993), a frequência e a duração obtidas são aproximadas e relativas (Fassnacht, 1982; Hutt e Hutt, 1974; Irwin e Bushnell, 1980).

No entanto, a "Amostragem de Tempo" possui inúmeras vantagens: reduz o tempo de observação quando comparada às técnicas narrativas, permitindo realizar um número maior de observações em um período de tempo mais curto; fornece dados que podem ser facilmente sumarizados e submetidos a análises estatísticas (Irwin e Bushnell, 1980); requer um treinamento simples de observadores, além de favorecer o acordo entre eles (Mann e cols., 1991). Por estas razões, a "Amostragem de Tempo" tornou-se uma das técnicas mais utilizadas em estudos observacionais, como demonstra o levantamento efetuado por Mann e cols. (1991) a respeito da metodologia empregada em pesquisas publicadas na revista *Child Development*, no período de 1980 a 1989. De acordo com os resultados de tal pesquisa, 34% destes artigos (N=114) fizeram uso desta estratégia de observação.

De fato, a ênfase nas vantagens possibilitadas por esta técnica parece, de certa forma, ter obscurecido as suas limitações, levando alguns pesquisadores a utilizarem-na sem verificar a sua real adequação aos objetivos de cada pesquisa. Contudo, certas limitações da "Amostragem de Tempo" têm sido evidenciadas na literatura (Fassnacht, 1982; Irwin e Bushnell, 1980; Mann e cols., 1991; Ormos e cols., 1993). Tem se argumentado, por exemplo, (a) que esta técnica é apropriada apenas para comportamentos facilmente observáveis, com duração relativamente longa (acima de dez segundos) e que ocorrem com alta frequência e regularidade; (b) que as medidas de frequência e duração são estimadas de forma imprecisa quando os comportamentos são de curta duração ou ocorrem livremente; (c) que há superestimação da duração dos comportamentos alvo devido aos cálculos de proporção efetuados; e (d) que a técnica revela pouco sobre a qualidade das ações, já que desvincula os comportamentos selecionados do contexto no qual ocorrem. Apesar dessas desvantagens e do declínio verificado em seu uso após 1985 (Mann e cols., 1991), a "Amostragem de Tempo" continua sendo uma das principais técnicas da metodologia observacional.

A "Amostragem de Evento", conforme Fassnacht (1982), possui dois significados distintos, os quais se referem: (a) à coleta precisa de informações sobre a duração e a frequência de categorias de comportamento previamente selecionadas e definidas e (b) à descrição de eventos comportamentais específi-

cos. O registro dos eventos observados ocorre independente de limitação temporal, já que, neste caso, a unidade de medida é o próprio comportamento e não o intervalo de tempo. Dessa forma, esta técnica pode ser aplicada a comportamentos que ocorrem com baixa frequência e/ou com pouca regularidade, suprimindo uma das limitações da "Amostragem de Tempo" (Irwin e Bushnell, 1980).

O procedimento básico da "Amostragem de Evento" consiste em, a cada ocorrência do(s) comportamento(s) selecionado(s), registrar informações específicas sobre o(s) mesmo(s). Estas informações devem ser determinadas antes do início da sessão observacional, de forma a atender aos objetivos do pesquisador, podendo ser relativas, por exemplo, à duração do evento, ao que foi feito e dito durante o mesmo e aos antecedentes e conseqüentes dos comportamentos alvo. Irwin e Bushnell (1980) ressaltam que a "Amostragem de Tempo" focaliza a ocorrência/frequência do evento comportamental, enquanto a "Amostragem de Evento" focaliza as características do mesmo.

Além de possibilitar o estudo de qualquer comportamento manifesto, e não apenas daqueles que ocorrem com alta frequência e regularidade, a "Amostragem de Evento" apresenta também outras vantagens, tais como: (a) preserva o contexto no qual o comportamento ocorre, tornando possível analisar relações causais; (b) estrutura o campo da observação em unidades naturais de comportamentos, não sendo estes interrompidos com base em critérios de tempo; e (c) reduz o tempo gasto na coleta e análise de dados, embora esta seja uma vantagem comum a todas as técnicas de amostragem (Irwin e Bushnell, 1980). Entretanto, como as demais técnicas observacionais, a "Amostragem de Evento" também está sujeita a algumas críticas. Estas, em geral, referem-se ao fato de tal técnica separar o evento comportamental de condições ou situações que podem tê-lo ocasionado e de não fornecer dados que sejam prontamente quantificáveis, como aqueles provenientes da "Amostragem de Tempo" (Irwin e Bushnell, 1980).

A técnica de "Checklist" (Listas para Assinalar) consiste, basicamente, em assinalar a ocorrência dos comportamentos alvo contidos em uma lista previamente elaborada. O registro pode ser realizado tanto no momento da observação, como após a mesma (Irwin e Bushnell, 1980). No primeiro caso, a ocorrência dos comportamentos pré-selecionados pode ser registrada dentro de intervalos de tempo específicos e regulares (Fassnacht, 1982), retratando um uso combinado com a técnica de "Amostragem de Tempo". Portanto, a técnica de "Checklist" permite apenas identificar se os comportamentos listados estão ausentes ou presentes durante o período da observação, nada informando sobre a frequência, duração ou qualidade dos mesmos. Esta é considerada uma das principais desvantagens de tal estratégia. Por outro lado, reconhece-se também algumas de suas vantagens, tal como o fato de ser fácil e rápida de utilizar, o que dispensa observadores altamente treinados e economiza tempo na coleta de dados (Irwin e Bushnell, 1980).

Conforme utilizada inicialmente, a técnica de "Checklist" não requeria a definição operacional dos comportamentos listados. Contudo, nas últimas décadas, a elaboração de definições operacionais para os comportamentos alvo parece ter ganhado maior importância nesta técnica. Isto possivelmente reflete a maior preocupação dos pesquisadores, nos dias atuais, em assegurar a fidedignidade dos seus registros. Hutt e Hutt (1974), por exemplo, afirmam que "um pré-requisito para obter dados fidedignos e válidos a partir dessas listas é ter um conjunto de categorias bem definidas" (p. 85).

Em síntese, as técnicas de amostragem requerem que os comportamentos sejam previamente definidos, embora a técnica de "Checklist" não tivesse tal exigência quando começou a ser utilizada. Assim, antes de iniciar as sessões de observação propriamente ditas, o observador precisa selecionar os comportamentos específicos que deseja focalizar e defini-los operacionalmente. As técnicas de amostragem apresentam duas vantagens comuns que são: a redução do tempo gasto na coleta de dados e a maior facilidade para tabulação e análise dos dados.

Método de Classificação

O método de classificação quantifica os julgamentos do observador em relação a dimensões específicas do(s) comportamento(s) em estudo (Fassnacht, 1982; Irwin e Bushnell, 1980). Nesse sentido, o observador torna-se também um avaliador, já que é requerido do mesmo registrar a sua "impressão" a respeito de um fenômeno observado. As "Escala de Classificação" constituem exemplos típicos deste método e referem-se a medidas para quantificar o julgamento do observador em relação, por exemplo, ao modo, à frequência e à intensidade com que são exibidos determinados comportamentos do sujeito (Fassnacht, 1982; Irwin e Bushnell, 1980).

Entre os tipos de "Escala de Classificação" citados por Irwin e Bushnell (1980) encontram-se as escalas numéricas, gráficas e de escolha forçada. Nas escalas numéricas, o observador é solicitado a indicar, em uma seqüência de números correspondentes a diferentes categorias descritivas, o número que melhor representa o evento observado. Nas escalas gráficas, o observador registra o seu julgamento a respeito do evento ao longo de uma linha reta contendo indicadores, tais como "sempre", "freqüentemente", "ocasionalmente", "raramente" e "nunca". Na escala de escolha forçada, o observador escolhe, entre um grupo de frases descritivas, apenas aquela que melhor corresponde a sua avaliação do evento.

Algumas vezes, os próprios genitores são solicitados a avaliar aspectos do desenvolvimento de seus bebês, tendo como instrumento uma "Escala de Classificação", como relatado no estudo realizado por Loots, Schneider e Reuter

(1996). Neste estudo, os genitores utilizaram as escalas "KID" e "KID-N" para efetuar a avaliação do desenvolvimento de seus bebês nos domínios cognitivo, motor, social, de linguagem e de auto-ajuda, a partir de suas próprias observações dos comportamentos.

Em geral, as "Escalas de Classificação" são respondidas após o momento da observação; muitas vezes o observador desconhece que, posteriormente, será solicitado a avaliar o comportamento em questão. Nestes casos, o registro vincula-se à memória do observador, aumentando a probabilidade de distorções e omissões (Irwin e Bushnell, 1980; Fassnacht, 1982). No entanto, de acordo com Irwin e Bushnell (1980), as escalas apresentam algumas vantagens, tais como: (a) podem ser utilizadas para estudar um grande número de comportamentos, incluindo aqueles não acessíveis à observação direta (por exemplo, introversão e humildade); são fáceis e rápidas de utilizar, requerendo um mínimo de treinamento do observador; e (c) podem ser consideradas mais interessantes que as demais estratégias observacionais, já que envolvem a emissão de julgamento por parte do observador e não, simplesmente, o registro objetivo de dados observacionais.

Irwin e Bushnell (1980) justificam a inclusão das "Escalas de Classificação" entre as técnicas de observação do comportamento pelo fato destas serem produto de percepções observacionais. Entretanto, atualmente, existe uma relutância em aceitar tais escalas como parte integrante do conjunto de técnicas de observação, uma vez que elas envolvem eventos subjetivos como crenças, cognições, emoções e valores por parte daquele que registra (Fassnacht, 1982). De fato, sabe-se que, ao se basear em julgamentos do observador, as "Escalas de Classificação" apresentam um alto grau de subjetividade, que dificulta um bom acordo geral entre observadores e as torna mais propensas a conter erros. Além disso, os termos utilizados em tais escalas, em geral, não são operacionalmente definidos, dando margem a variadas interpretações (Fassnacht, 1982; Irwin e Bushnell, 1980).

Entretanto, é conveniente lembrar que as outras estratégias observacionais mencionadas também não estão livres de conter inferências por parte do observador, embora em menor grau, já que a representação da realidade é sempre mediada pelo seu sistema cognitivo, tanto no momento da coleta como da análise de dados (Dessen, 1995; Thiel, 1991).

Repensando o uso das estratégias observacionais

A primeira técnica associada ao estudo da criança enquanto disciplina científica foi a técnica de "Descrições Diárias"; a seguir, surgiram os "Registros Anekdoticos" e os "Registros Cursivos". Estas duas últimas técnicas possibilitaram estudar o comportamento de uma amostra mais significativa de crianças, já

que requeriam do pesquisador um contato menos freqüente com elas. Entretanto, o tempo necessário para registrar as informações e para sumarizar e analisar os dados coletados com tais estratégias, ainda constituíam sérias desvantagens para os pesquisadores da época, que visavam trabalhar com um amplo número de crianças, em uma grande variedade de situações, como forma de favorecer a generalização e a replicação dos dados provenientes de suas pesquisas (Irwin e Bushnell, 1980).

Com o aumento da exigência pelo rigor científico, os pesquisadores do desenvolvimento infantil passaram a enfatizar a necessidade da máxima objetividade na coleta e análise de dados e tornaram-se mais interessados em mensurar do que simplesmente em descrever comportamentos. Por conseguinte, as técnicas narrativas, especialmente os "Diários", foram sendo cada vez mais preteridos em função da maior objetividade possibilitada por outras técnicas observacionais, destacando-se, dentre elas, a "Amostragem de Tempo" e a "Amostragem de Evento" (Irwin e Bushnell, 1980; White, 1994).

De fato, as técnicas de "Amostragem de Tempo" e de "Amostragem de Evento", principalmente a primeira, surgiram como estratégias observacionais amplamente valorizadas entre os estudiosos do comportamento infantil, uma vez que, ao amostrarem comportamentos ao invés de descrevê-los em detalhes, permitiam generalizar descobertas e reduzir o tempo gasto na obtenção e análise de dados (Irwin e Bushnell, 1980). No entanto, isto não significa que haja primazia de uma técnica sobre outra, já que a adequação de uma determinada técnica está intimamente relacionada aos objetivos de cada pesquisa.

Para obter informações precisas e úteis sobre os comportamentos em estudo, é necessário, sobretudo, que o pesquisador se torne um bom observador do comportamento. É certo que a habilidade de olhar atentamente e em detalhes para os acontecimentos ao redor é inerente a algumas pessoas; porém, não basta ser um observador sutil. O pesquisador precisa também saber como registrar o evento comportamental observado de forma cientificamente correta.

Portanto, o treinamento de observadores constitui uma etapa importante da formação do pesquisador, uma vez que possibilita aumentar a probabilidade de que as técnicas sejam corretamente empregadas e, assim, surtam os efeitos desejados. Em geral, os erros encontrados em estudos observacionais não residem na técnica em si, mas no emprego inadequado das mesmas, incluindo aí as definições de categorias elaboradas de forma incompleta ou não objetiva, o que favorece interpretações ambíguas.

Um bom treinamento propicia ao observador: (a) aprender a utilizar a linguagem científica; (b) adquirir a habilidade de definir e agrupar categorias comportamentais; e (c) adquirir conhecimentos teóricos e práticos sobre os métodos e técnicas observacionais, possibilitando a seleção daqueles que, de fato,

são mais relevantes e adequados para suas investigações. Além disso, é essencial que o pesquisador/observador respalde as suas decisões numa abordagem teórica, que tenha bem claro os objetivos da sua pesquisa e que conheça as características dos sujeitos selecionados.

Os Sistemas Observacionais

Para ter validade no meio científico, o relato proveniente da observação deve ser escrito em linguagem que obedeça às normas da Ciência, isto é, deve ser objetivo, claro e preciso (Danna e Matos, 1996/1982; Fagundes, 1993/1982). A objetividade visa eliminar as impressões pessoais do observador, bem como as suas interpretações dos fatos no momento do registro, ainda que tal objetividade só seja possível até certo ponto (Dessen, 1995; 1996). Esta não é uma tarefa fácil, considerando que a linguagem científica difere bastante daquela empregada na vida diária, a qual é repleta de interpretações e impressões subjetivas. Na busca pela objetividade científica, o observador deve descrever exatamente aquilo que observou, evitando termos: (a) amplos ou indefinidos; (b) que atribuam intenções ao sujeito ou finalidade às suas ações; (c) que designam estados subjetivos; (d) que caracterizam expressões ambíguas. Ao proceder assim, o observador procura assegurar também a clareza e a precisão do registro (Danna e Matos, 1996/1982; Fagundes, 1993/1982).

As *definições operacionais* dos comportamentos alvo da observação passam, então, a atuar como uma espécie de manual de instruções para o pesquisador, uma vez que descrevem as características próprias dos comportamentos em estudo, indicando precisamente quais deles devem ser registrados e qual o início e o término de cada um (Danna e Matos, 1996/1982; Fagundes, 1993/1982). Assim, tais definições garantem maior acordo entre observadores quanto à ocorrência dos eventos comportamentais, minimizando possíveis discordâncias.

Algumas técnicas de observação requerem seleção e definições prévias de comportamentos, como é o caso das técnicas de amostragem; por outro lado, outras técnicas, como a de "Registro Contínuo", possibilitam a elaboração de definições após o registro propriamente dito. Independentemente do momento em que sejam elaboradas as definições comportamentais, se antes ou após o registro observacional, estas precisam ser efetuadas de forma objetiva, clara, exata, concisa e direta, atendendo ao rigor da linguagem científica. Além disso, elas precisam receber uma denominação apropriada, capaz de prontamente lembrar o que se deseja definir. Para ser adequada, uma definição comportamental deve também ser explícita e completa, ou seja, deve incluir todos os elementos indispensáveis para confirmar, com precisão, a ocorrência do comportamento em questão (Batista, 1996; Danna e Matos, 1996/1982; Fagundes, 1993/1982).

A elaboração de definições comportamentais não é uma tarefa tão sim-

ples quanto possa parecer à primeira vista. A habilidade na elaboração destas definições, segundo Batista (1996), relaciona-se à experiência prévia do observador, em termos de treinamento e de familiaridade com os comportamentos alvo. Os comportamentos podem ser definidos ressaltando os aspectos de forma (definições morfológicas), os efeitos que eles produzem no ambiente (definições funcionais) ou combinando a descrição da forma do comportamento com os efeitos que ele provoca no ambiente (definições mistas) (Cunha, 1976; Danna e Matos, 1996/1982; Fagundes, 1993/1982).

O agrupamento dos comportamentos em classes, cuja função é a de organizar os dados disponíveis, pode ser realizado também segundo os critérios morfológico, funcional e/ou misto. No primeiro caso, os comportamentos são agrupados de acordo com as semelhanças nos seus movimentos, posturas e/ou aparências; no segundo caso, o agrupamento é efetuado com base nas modificações produzidas pelos comportamentos no ambiente; e no terceiro caso, o agrupamento relaciona-se a semelhanças na forma e no efeito dos comportamentos (Hutt e Hutt, 1974). Mais uma vez, o critério empregado depende dos objetivos da pesquisa.

A construção de sistemas observacionais ocorre quando o pesquisador abstrai aspectos relevantes da realidade para investigar e transforma as percepções obtidas durante a observação do evento comportamental em um sistema de códigos alfabéticos e/ou numéricos, que seja compreensível e adequado às questões do seu estudo, ou em construtos espaciais ou, ainda, em representações quantitativas (Fassnacht, 1982). Os sistemas observacionais são compostos por um conjunto de unidades comportamentais, as quais impõem limites à conduta do observador, restringindo o que deve ser observado, registrado e analisado. Os sistemas podem ser divididos em quatro tipos, a saber: sistemas verbal, nominal, estrutural e dimensional (Fassnacht, 1982). Contudo, pode-se utilizar também sistemas mistos. O sistema verbal diz respeito a sistemas descritivos, os quais empregam a linguagem falada ou escrita para descrever o fenômeno investigado. Segundo Fassnacht (1982), tais dados podem ser usados apenas indiretamente para análises quantitativas, já que a representação verbal tem que ser submetida à análise de conteúdo. Exemplos deste sistema são os "Diários", os "Registros Anekdoticos" (Incidentes Críticos) e os "Registros Contínuos". O sistema nominal também é um sistema de representação verbal, mas que utiliza um conjunto de sinais verbais de menor proporção do que o usado na linguagem cotidiana. Este tipo de sistema inclui o sistema de sinais e o sistema de categorias (Fassnacht, 1982).

O sistema de sinais ou de características distintivas divide comportamentos amplos em unidades menores, abarcando um conjunto de sinais diferenciados e definidos, que são utilizados para representar tais unidades. Trata-se, segundo Fassnacht (1982), de um sistema aberto, na medida em que os sinais

podem ser compatíveis ou incompatíveis, pressupondo que uma mesma unidade pode ser representada simultaneamente por mais de um sinal. O sistema de categorias, por outro lado, consiste na classificação dos comportamentos em categorias estabelecidas pelo pesquisador e tem sido muito usado na área de desenvolvimento infantil. Segundo Fassnacht (1982) e Irwin e Bushnell (1980), tal sistema, ao contrário do sistema de sinais, é fechado e completo, ou seja, é formado por signos mutuamente exclusivos, além de ser exaustivo, contendo todas as possibilidades de variação dos comportamentos do sujeito.

Este sistema de categorias refletia o posicionamento dominante entre os pesquisadores na década de 70, quando se considerava importante ser tão minucioso e exaustivo quanto possível na coleta de dados observacionais. Contudo, atualmente, a tendência é ser seletivo, isto é, o pesquisador recorta o aspecto da realidade que de fato lhe interessa e, aí sim, é exaustivo dentro de tal aspecto. Esta mudança ocorreu, em parte, porque a prática tem mostrado que, para atender aos objetivos da pesquisa nem sempre é adequado ter sistemas muito abrangentes. Além disso, a construção de um sistema dessa natureza, completo e fechado, apresenta um alto grau de dificuldade, o que, em parte, explica a escassez de sistemas de categorias encontrados na literatura.

O sistema estrutural descreve o comportamento por meio de construtos espaciais, sendo a hierarquia ou diagrama a configuração mais usada. Assim, um comportamento torna-se conhecido pela posição que ocupa em um sistema idealizado de relações (Fassnacht, 1982). Já o sistema dimensional refere-se à representação quantitativa dos dados observacionais, os quais podem ser quantificados em termos de frequência, duração e intensidade. Fassnacht (1982) ressalta que essa distinção nem sempre se mantém na prática, tendo em vista que as hipóteses dos estudos podem relacionar-se a mais de uma medida. As "Escala de Classificação" constituem exemplos deste tipo de sistema. Portanto, os sistemas observacionais não necessitam ser criados; eles podem ser constituídos por adaptações de sistemas já existentes.

Os sistemas podem ser específicos, quando apenas uma dimensão é observada, ou gerais, quando mais de uma dimensão é observada ao mesmo tempo. Geralmente, os sistemas observacionais apresentam várias dimensões, tais como conteúdo e qualidade das ações, quem está emitindo o comportamento e quem está respondendo ao mesmo. Ao usar um sistema de códigos para separar os comportamentos em categorias significativas e manejáveis, os sistemas observacionais possibilitam uma análise de dados mais fácil e rápida.

Considerações Finais

Todas as estratégias observacionais possuem tanto vantagens como limitações, o que significa não haver primazia de uma técnica sobre outra. Algumas

vezes, a vantagem de uma técnica constitui-se em desvantagem para outra. Por exemplo, os "Registros Cursivos" fornecem uma descrição detalhada do comportamento, mas requerem do observador um longo tempo de coleta e análise dos dados. A "Amostragem de Tempo", por sua vez, reduz o tempo gasto em tais procedimentos, mas não fornece dados qualitativos sobre os comportamentos observados, tais como aqueles referentes aos eventos antecedentes e conseqüentes e ao contexto no qual os comportamentos estão inseridos.

Portanto, conforme mencionado anteriormente, o que se deve buscar é a adequação da técnica aos objetivos de cada pesquisa. Isto requer, às vezes, fazer escolhas ou adaptações dentro da própria técnica para melhor ajustá-la a tais objetivos e às condições de infra-estrutura do projeto. Assim, para se obter resultados confiáveis e significativos, é preciso, antes de tudo, selecionar corretamente a(s) estratégia(s) observacional(is) e o(s) momento(s) de aplicá-la(s) durante o procedimento de coleta de dados.

A literatura relativa à Metodologia Observacional mostra, por exemplo, que os "Registros Cursivos", devido a sua amplitude e à riqueza dos dados fornecidos, são particularmente apropriados na fase preliminar de uma pesquisa (Danna e Matos, 1996/1982; Irwin e Bushnell, 1980). Nesta fase, o pesquisador visa delimitar o problema a ser investigado, realizar o levantamento do repertório comportamental do sujeito ou obter informações mais detalhadas sobre os comportamentos alvo. A partir da análise dos dados coletados por meio deste "Registro Contínuo", o observador pode, então, selecionar as unidades comportamentais a serem observadas e agrupá-las em classes, conforme suas propriedades comuns, construindo um novo sistema observacional. No caso da adaptação de um sistema já existente aos objetivos do seu estudo, o observador pode subdividi-lo em categorias adicionais, ampliar o número de categorias e/ou ainda redefinir as categorias de forma a ajustá-las as necessidades do estudo observacional em questão.

A construção do sistema observacional ou a sua adaptação constitui uma segunda etapa do trabalho observacional. Quando o pesquisador já dispõe de um sistema, a sua tarefa consiste apenas em testá-lo, isto é, em checar se tal sistema se ajusta à realidade a ser observada e aos objetivos da sua pesquisa. Desta forma, o pesquisador economiza tempo e recursos, suprimindo a primeira etapa do estudo observacional, o que torna as "adaptações" de sistemas um recurso extremamente útil para a pesquisa.

Sómente após a seleção e a definição dos comportamentos é que se pode fazer uso de técnicas de amostragem, as quais são úteis, sobretudo, para testar as hipóteses levantadas na fase inicial do trabalho e/ou por meio da literatura. Portanto, nesta terceira etapa, os dados já se encontram sumarizados no momento do registro, o que reduz o tempo gasto na sua coleta e análise. Esta etapa constitui também o momento mais apropriado para se proceder aos cálculos de con-

cordância e fidedignidade intra e entre observadores. A figura abaixo apresenta os passos usualmente percorridos pelo pesquisador, durante a fase de coleta de dados, em um estudo de natureza observacional que utiliza um sistema de categorias.

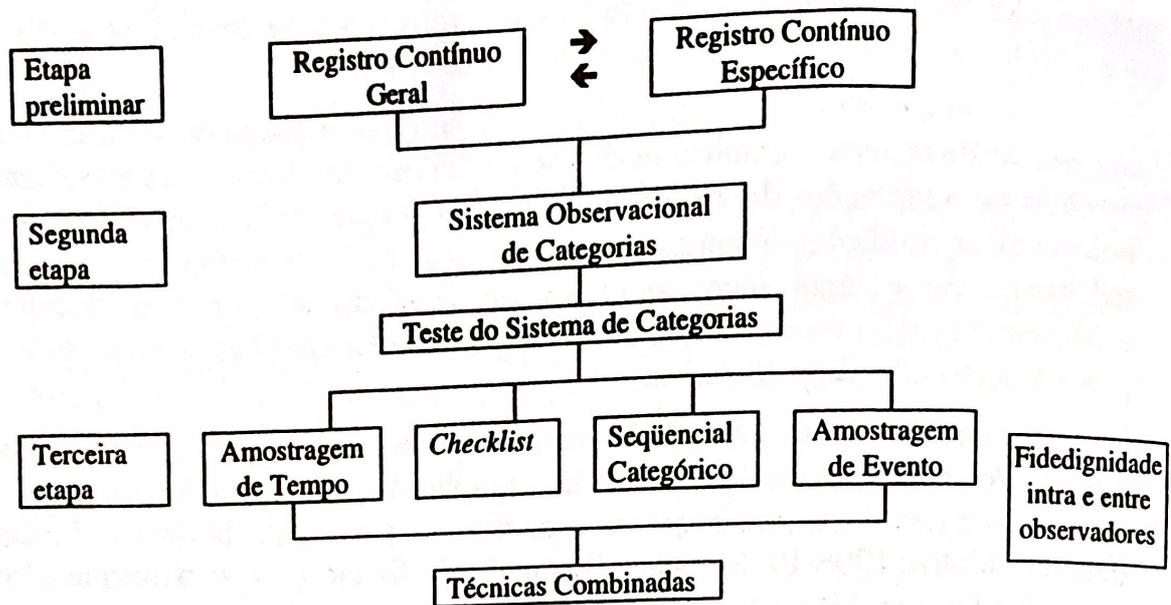


Figura 1- Etapas da coleta de dados de um estudo observacional (adaptada de Thereza P. L. Mettel, Comunicação Pessoal, abril de 1981)

Atualmente, tem-se verificado na Psicologia do Desenvolvimento um grande interesse pelo estudo de fenômenos que não podem ser adequadamente registrados por técnicas de amostragem ou por meio de uma única técnica. Dentro desta categoria encontram-se as “interações sociais”(1) que, dada a sua natureza, requerem, em muitos projetos de pesquisa, não somente a utilização de registros observacionais que sejam contínuos, seqüenciais e capazes de captar o contexto no qual as interações se desenrolam, mas também a utilização de técnicas complementares de auto-retrato. Nestes casos, o uso combinado do “Registro Seqüencial Categórico” e de “Entrevistas” tem-se mostrado bastante útil. Um “Registro Seqüencial Categórico” consiste em registrar continuamente as seqüências de categorias interativas, previamente definidas, ao longo de um período de tempo ininterrupto.

Apesar de a observação direta do Comportamento constituir um importante método de coleta de dados, algumas vezes suas estratégias podem não ser apropriadas aos objetivos de uma determinada pesquisa, cujas questões podem ser mais adequadamente respondidas por meio de outras técnicas, tais como entrevistas, questionários ou testes padronizados. Outras vezes, a pesquisa requer que a observação do comportamento seja empregada em conjunto com

outras técnicas de coleta de dados: ora como estratégia principal, ora como complementar.

A utilização de duas ou mais técnicas em um mesmo estudo (Abordagem Multimetodológica) favorece uma coleta de dados mais abrangente, possibilitando uma melhor compreensão do fenômeno estudado, uma maior flexibilidade diante de obstáculos encontrados na implementação de projetos de pesquisa e uma maior diversidade e riqueza de informações (Sommer e Sommer, 1991). Para White (1994), o ressurgimento de um pluralismo de interesses de pesquisa dentro da Psicologia do Desenvolvimento implica na necessidade de técnicas narrativas e qualitativas, algumas das quais parecem emergir do passado, como é o caso dos "Diários". Essa riqueza de possibilidades e a liberdade do pesquisador para criar o seu próprio sistema observacional e combinar diferentes técnicas tornam a metodologia observacional um desafio para a competência e persistência do pesquisador.

Referências Bibliográficas

- Batista, C. G. (1996) Observação do Comportamento. Em L. Pasquali (Org.) *Teoria e Métodos de Medida em Ciências do Comportamento*. Brasília: LABPAM e INEP.
- Cunha, N. H. A. (1976) Alguns princípios de categorização, descrição e análise do comportamento. *Ciência e Cultura*, 28 (1), 15-24.
- Danna, M. F. e Matos, M. A. (1996/1982) *Ensinando Observação: Uma Introdução*. São Paulo: EDICON.
- Dessen, M. A. (1994) Interações e relações no contexto familiar: questões teóricas e metodológicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10 (2), 213-220.
- Dessen, M. A. (1995) Tecnologia de vídeo: o registro de interações sociais e cálculos de fidedignidade em estudos observacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 11 (3), 223-227.
- Dessen, M. A. (1996) Efeito intrusivo do observador em estudos longitudinais dentro do contexto familiar: relato de uma experiência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 12 (1), 97-101.
- Dessen, M. A. e Aranha, M. S. F. (1994) Padrões de interação social nos contextos familiar e escolar: análise e reflexões sob a perspectiva do desenvolvimento. *Temas em Psicologia*, 3, 73-90.
- Deutsch, W. (1994) "The observing eye: A century of baby diaries". Commentary. *Human Development*, 37 (1), 30-35.
- Fagundes, A. J. F. M. (1993/1982) *Descrição, Definição e Registro de Comportamento*. São Paulo: EDICON.
- Fassnacht, G. (1982) *Theory and Practice of Observing Behaviour*. London: Academic Press.
- Hinde, R. A. (1979) *Towards Understanding Relationships*. London: Academic

- Press.
- Hinde, R. A. (1987) *Individuals, Relationships and Culture: Links between Ethology and the Social Sciences*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hinde, R. A. (1992) Ethological and relationships approaches. Em Ross Vasta (Org.), *Six Theories of Child Development: Revised Formulations and Current Issues*. London: Jessica Kingsley Publishers.
- Hinde, R. A. (1997) *Relationships: A Dialectical Perspective*. London: Psychological Press.
- Hutt, S. J. e Hutt, C. (1974) *Observação Direta e Medida do Comportamento*. São Paulo: EPU e EDUSP.
- Irwin, D. M. e Bushnell, M. M. (1980) *Observation Strategies for Child Study*. New York: Holt, Rinehart and Wiston.
- Loots, G. M. P.; Schneider, M. J. e Reuter, J. M. (1996) Mothers' observations of their infants' behavioral development in the Netherlands and USA. *Early Developmental and Parenting*, 5 (1), 69-71.
- Mann, J.; Ten Have, T.; Plunkett, J. W. e Meisels, S. J. (1991) Time sampling: A methodological critique. *Child Development*, 62, 227-241.
- Ormos, S. L.; Rubiano, M. R. B. e Rossetti-Ferreira, M. C. (1993) Amostragem de tempo no estudo da organização social de crianças em creches. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9 (1), 173-191.
- Perosa, G. B. (1993) O conceito de interação nos estudos com crianças pequenas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9 (2), 401-413.
- Sommer, B. e Sommer, R. (1991) *A Practical Guide to Behavioral Research*. New York: Oxford, Cap. 1.
- Thiel, T. (1991) Videotechnique and science: Methodological considerations. Em M. E. Lamb e H. Keller (Orgs.) *Infant Development: Perspectives from German-Speaking Countries*. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum Associates, Cap. 9.
- Wallace, D. B.; Franklin, M. B. e Keegan, R. T. (1994) The observing eye: A century of baby diaries. *Human Development*, 37(1), 1-29.
- White, S. H. (1994) "The observing eye: A century of baby diaries". Commentary. *Human Development*, 37 (1), 36-41.

Nota de Rodapé:

- ⁽¹⁾ Para uma melhor compreensão do conceito de interação social e de como registrá-la, o leitor poderá consultar Dessen (1994; 1995); Dessen e Aranha (1994); Hinde (1979; 1987; 1992; 1997) e Perosa (1993).